

**PAULO FREIRE E A FILOSOFIA NO ENSINO SECUNDÁRIO:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

Joana de Carvalho¹

Resumo

A actividade que nos propomos relatar insere-se numa tentativa experimental de "levar Paulo Freire à escola" pela mão da Filosofia, veiculando sobretudo a dimensão ética do pensamento do autor.

Tudo começou com a proposta de leitura da "Terceira carta" pedagógica constante na obra "Pedagogia da Indignação", numa turma de Filosofia do ensino secundário. Este texto foi interpretado e explorado em situação de aula, tendo tido como enquadramento disciplinar o item programático designado por "A acção humana e os valores", particularmente no que concerne ao tópico relativo à "dimensão ético-política" da acção humana.

Na sequência desta iniciativa, e tendo em consideração "Os direitos humanos e a globalização" como tema orientador da leccionação desta disciplina, surgiu a ideia de realizar uma peça de teatro, utilizando essencialmente como base literária e conceptual textos de Paulo Freire.

A leitura inicialmente proposta – a descrição do bárbaro assassinato de um Índio, em Brasília, por cinco adolescentes – serviu de mote a uma peça de teatro intitulada "Alegoria da Vida", que viria a ser representada pelos alunos na sua escola, no final do ano lectivo.

A actividade que passamos a relatar insere-se numa tentativa experimental de "levar Paulo Freire à escola", veiculando sobretudo a dimensão ética do pensamento do autor, integrada no âmbito do programa de trabalhos da nossa tese de dissertação subordinado ao tema "O professor emancipador na pedagogia crítica de Paulo Freire: sua pertinência e actualidade", sob a orientação do Professor Doutor Américo Nunes Peres.

Tudo começou com a proposta de leitura da "Terceira carta" pedagógica de Paulo Freire, constante na sua obra "Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos"², numa aula de Filosofia de 10º ano.

Trata-se da descrição "Do assassinato de Galdino Jesus dos Santos – Índio pataxó": "Cinco adolescentes mataram hoje, barbaramente, um índio pataxó, que dormia tranquilo, numa estação de onibus, em Brasília. Disseram à polícia que estavam brincando. Que coisa estranha. Brincando de matar."

Esta carta pedagógica (**TEXTO Nº. 1**) foi interpretada e explorada em situação de aula, tendo como enquadramento disciplinar o item programático designado por "A acção humana e os valores", particularmente no que concerne ao tópico relativo à "dimensão ético-política" da acção humana.

Moral, ética, normas, valores, liberdade moral, responsabilidade, consciência moral, consciência cívica, direito, política, Estado, sociedade civil, liberdade política, justiça social, equidade são, aliás, destacados como "conceitos específicos nucleares"³ a focar ao longo do processo ensino-aprendizagem da Filosofia no ensino secundário, pelo que o texto em questão nos pareceu ir precisamente de encontro aos objectivos essenciais do programa desta disciplina.

¹ Doutoranda na UTAD – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

² FREIRE, P. (2000). Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. S. Paulo: Editora UNESP, pp.65-67.

³ Programa de Filosofia homologado em Fevereiro de 2001 (em vigor no ano lectivo 2003-2004). *Programa de Filosofia – 10º e 11º anos*. Porto: Porto-Editora, p.27.

Posteriormente, procedemos à projecção de uma apresentação em *powerpoint*, por nós elaborada para o efeito, intitulada "Paulo Freire: a mensagem de um pensador humanista".

De seguida, foi entregue aos alunos uma compilação de excertos de textos de Paulo Freire (**TEXTO Nº. 2**), tendo-se procedido à sua interpretação e análise crítica, tendo sempre em consideração os objectivos programáticos da disciplina em questão.

Finalmente, procedeu-se à projecção de um **ESQUEMA SINTETIZADOR**, também ele concebido propositadamente para esta aula, com o intuito de estabelecer uma ponte entre os temas abordados nos textos do autor e os conceitos de ética e de acção humana entretanto já analisados em aulas anteriores.

Foi então solicitado aos alunos que interpretassem o diagrama, que funcionou como resumo de ideias e conceitos filosóficos, extraídos fundamentalmente a partir da leitura dos textos facultados.

Na sequência desta iniciativa, e tendo em consideração que o grupo de Filosofia da escola tinha entretanto escolhido como tema/problema do mundo contemporâneo, orientador da leccionação do programa, "Os direitos humanos e a globalização", surgiu a ideia de realizar uma peça de teatro onde confluíssem os vários ensinamentos adquiridos ao longo da frequência das aulas de Filosofia, utilizando como base literária e conceptual os textos de Paulo Freire, muito particularmente a "Terceira carta" já referida.

De tal forma este texto foi de encontro aos objectivos do programa da disciplina, que a peça de teatro se inicia precisamente com a simulação da morte de um índio, por cinco "malvados adolescentes".

A partir desta situação-limite, vão desfilando pelo palco personagens-tipo, com a intenção precisamente de caracterizar diferentes posicionamentos dos indivíduos perante situações reais de *opressão*: a criminalidade a mendicidade, a pobreza, a guerra...

A peça, inegavelmente rica em conteúdos filosóficos, termina com uma pergunta e uma sugestão de resposta.

Um dos cinco adolescentes responsáveis pelo assassinato do índio, que ao longo da peça vai dialogando com as várias personagens, termina as suas intervenções em jeito de reflexão: "Realmente, há assuntos que nos fazem pensar... As pessoas dizem que o mundo não está bem, mas quem é que o tenta mudar?!"

É então que todas as personagens se juntam, para lerem em conjunto o poema "A Escola"⁴, de Paulo Freire (**TEXTO Nº. 3**).

Afinal, a resposta está em nós e na educação. Porque, "Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda"⁵, e "(...) se ela, a educação, não pode tudo, pode alguma coisa."⁶

A peça "Alegoria da Vida" foi ensaiada pelos alunos e apresentada no ginásio da Escola Secundária Aurélia de Sousa, no Porto, na noite de Sábado, dia 5 de Junho, pelas 21h30m.

Os actores e autores desta peça foram os alunos do 10º B da Escola Secundária Aurélia de Sousa (ano lectivo 2003/2004). O título "Alegoria da Vida" é também da sua autoria, tendo sido responsabilidade dos alunos a caracterização e a escolha dos adereços a usar por cada uma das

⁴ [Http://www.paulofreire.org/escola_p.htm](http://www.paulofreire.org/escola_p.htm)

⁵ FREIRE, P. (2000). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. S. Paulo: Editora UNESP, p.67.

⁶ FREIRE, P. (1997). *Política e educação: ensaios*. S. Paulo: Cortez Editora, p.35.

personagens. O próprio cenário foi simulado essencialmente com a projecção de fotografias por eles recolhidas nas ruas do Porto.

Foi igualmente iniciativa destes alunos solicitar, como “bilhete de entrada”, a oferta de géneros alimentares a serem posteriormente ofertados a uma instituição de solidariedade social da cidade.

A estreia da peça foi propositadamente filmada com o intuito de ser depois analisada pelos seus protagonistas. É, aliás, nossa convicção que o facto dos alunos poderem *ver-se* e *ouvir-se* se traduz num contributo para o desenvolvimento do seu sentido de auto-avaliação e de distanciamento crítico. Deste modo, procurou-se que fossem criadas as condições para que os alunos pudessem aprender *a partir de si mesmos e uns com os outros*, tirando partido dos erros ou falhas de cada um, de forma construtiva e positiva.

Gostaríamos de salientar que esta experiência, para nós tão proveitosa e rica de aprendizagens, excedeu largamente as nossas expectativas iniciais.

Não só foi emocionante *ver* Paulo Freire na escola – lugar onde merece ser conhecido e ao qual sempre dedicou a sua vida –, como foi gratificante verificar que a escola pode, de facto, ser “o lugar onde se faz amigos”.

Mais ainda: cremos que a actividade que acabámos de descrever constitui uma resposta, por si só, a quaisquer dúvidas que possa haver quanto à “pertinência e actualidade” do legado freireano. Porque, enquanto houver alunos e professores com vontade de aprender, ensinando, e de ensinar, aprendendo, há oportunidade para “levar Paulo Freire à escola”, nomeadamente pela mão da Filosofia, enquanto disciplina viva, que diz respeito a tudo quanto diga respeito ao Homem.

Redescobrir o sentido da escola – que “é, sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima” – e testemunhar o papel da Filosofia nela é, certamente, uma experiência memorável, que nos faz acreditar no “sonho possível”⁷ por uma escola melhor.

⁷ FREIRE, P. (1997). *Política e educação: ensaios*. S. Paulo: Cortez Editora, p.30

BIBLIOGRAFIA

FREIRE, P. (1997). *Política e educação: ensaios*. S. Paulo: Cortez Editora.

FREIRE, P. (2000). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. S. Paulo: Editora UNESP.

FREIRE, P. (2003). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. S. Paulo: Editora Paz e Terra.

GADOTTI, M. (org.) (1996). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez Editora/Instituto Paulo Freire/UNESCO.

[HTTP://www.paulofreire.org](http://www.paulofreire.org).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. DEPARTAMENTO DO ENSINO SECUNDÁRIO. Programa de Filosofia homologado em Fevereiro de 2001 (em vigor no ano lectivo 2003-2004). *Programa de Filosofia – 10º e 11º anos*. Porto: Porto-Editora.

TEXTOS ANEXOS À COMUNICAÇÃO:

Textos de apoio elaborados para análise nas aulas de Filosofia.

TEXTO N.º 1

TERCEIRA CARTA

DO ASSASSINATO DE GALDINO JESUS DOS SANTOS – ÍNDIO PATAXÓ

“Cinco adolescentes mataram hoje, barbaramente, um índio pataxó, que dormia tranquilo, numa estação de onibus, em Brasília. Disseram à polícia que estavam brincando. Que coisa estranha. Brincando de matar. Tocaram fogo no corpo do índio como quem queima uma inutilidade. Um trapo imprestável. Para sua crueldade e seu gosto da morte, o índio não era um *tu* ou um *ele*. Era *aquilo*, *aquela coisa* ali. Uma espécie de *sombra* inferior no mundo. Inferior e incômoda, incômoda e ofensiva.

É possível que, na infância, esses malvados adolescentes tenham brincado, felizes e risonhos, de estrangular pintinhos, de atear fogo no rabo de gatos pachorrentos só para vê-los aos pulos e ouvir seus miados desesperados, e se tenham também divertido esmigalhando botões de rosa nos jardins públicos com a mesma desenvoltura com que rasgavam, com afiados canivetes, os tampos das mesas de sua escola. E isso tudo com a possível complacência quando não com o estímulo irresponsável de seus pais.

Que coisa estranha, brincar de matar índio, de matar gente. Fico a pensar aqui, mergulhado no abismo de uma profunda perplexidade, espantado diante da perversidade intolerável desses moços desgenticando-se no ambiente em que *decreceram* em lugar de *crescer*.

Penso em suas casas, em sua classe social, em sua vizinhança, em sua escola. Penso, entre outras coisas mais, no testemunho que lhes deram de pensar e de como pensar. A posição do pobre, do mendigo, do negro, da mulher, do camponês, do operário, do índio neste pensar. Penso na mentalidade materialista da posse das coisas, no descaso pela decência, na fixação do prazer, no desrespeito pelas coisas do espírito, consideradas de menor ou de nenhuma valia. Adivinho o reforço deste pensar em muitos momentos da experiência escolar em que o índio continua minimizado. Registo o *todopoderosismo* de suas liberdades, isentas de qualquer limite, liberdades virando licenciosidade, zombando de tudo e de todos. Imagino a importância do viver fácil na escala de seus valores em que a ética maior, a que rege as relações no cotidiano das pessoas terá inexistido quase por completo. Em seu lugar, a ética do mercado, do lucro. As pessoas valendo pelo que ganham em dinheiro por mês. O acatamento ao outro, o respeito ao mais fraco, a reverência à vida não só humana mas vegetal e animal, o cuidado com as coisas, o gosto da boniteza, a valoração dos sentimentos, tudo isso reduzido a nenhuma ou quase nenhuma importância.

Se nada disso, a meu juízo, diminui a responsabilidade desses agentes da crueldade, o fato em si de mais esta trágica transgressão da ética nos adverte de como urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros

animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornamos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador.

Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor.

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que fizemos e o que fazemos.

Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros.”

Paulo Freire, “Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos”, pp.65-67

TEXTO Nº. 2

PAULO FREIRE: A MENSAGEM DE UM PEDAGOGO HUMANISTA

Paulo Reglus Neves Freire – pedagogo brasileiro nascido no Recife, Estado de Pernambuco, a 19 de Setembro de 1921; faleceu em São Paulo, a 2 de Maio de 1997. Foi proposto para Prémio Nobel da Paz em 1995.

1. Excertos de “Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos” (textos adaptados)

“De facto, o discurso fatalista que diz: ‘A realidade é assim mesmo, que fazer?’, decretando a impotência humana, sugere-nos a paciência e a astúcia para melhor nos acomodarmos à vida como realidade intocável. No fundo, é o discurso da compreensão da História como determinação.

(...) Na verdade, porém, tanto faz parte do domínio da ética universal do ser humano a luta em favor dos famintos e destroçados nordestinos, vítimas não só das secas, mas, sobretudo, da malvadez, da gulodice, da insensatez dos poderosos, quanto a briga a favor dos direitos humanos, onde quer que ela se trave. Do direito de ir e vir, do direito de comer, de vestir, de dizer a palavra, de amar, de escolher, de estudar, de trabalhar. Do direito de crer e de não crer, do direito à segurança e à paz.

(...) Recuso, como pura ideologia, a afirmação, tantas vezes neste texto criticada, de que a miséria é uma fatalidade do fim do século. A miséria na opulência é a expressão da malvadez de uma

economia construída de acordo com a ética do mercado, do vale-tudo, do salve-se-quem-puder, do cada-um-por-si.” (p.129/130)

“Da mesma forma que o operário tem na cabeça o desenho do que vai produzir em sua oficina, nós, mulheres e homens, como tais, operários ou arquitectos, médicos ou engenheiros, físicos ou professores, temos também na cabeça, mais ou menos, o desenho do mundo em que gostaríamos de viver. Isto é a utopia ou o sonho que nos instiga a lutar.

(...) Por isso, aceitar o sonho do mundo melhor e a ele aderir é aceitar entrar no processo de criá-lo. Processo de luta profundamente ancorado na ética. De luta contra qualquer tipo de violência. De violência contra a vida das árvores, dos rios, dos peixes, das montanhas, das cidades, das marcas físicas de memórias culturais e históricas. De violência contra os fracos, os indefesos, contra as minorias ofendidas. De violência contra os discriminados, não importa a razão da discriminação. De luta contra a impunidade que estimula no momento entre nós o crime, o abuso, o desrespeito ostensivo à vida.

(...) Luta contra o desrespeito pela coisa pública, contra a mentira, contra a falta de escrúpulo. E tudo isto, com momentos, apenas, de desencanto, mas sem jamais perder a esperança. Não importa em que sociedade estejamos ou a que sociedade pertençamos, urge lutar com esperança e denodo.” (p.133/134)

2. Excertos de “Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa” (textos adaptados)

“(...) Como presença consciente no mundo, não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-me no mundo. Se sou puro produto da determinação genética ou cultural ou de classe, sou irresponsável pelo que faço no mover-me no mundo e se careço de responsabilidade não posso falar em ética. Isto não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais a que estamos submetidos. Significa reconhecer que somos seres *condicionados* mas não *determinados*. Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de *determinismo*, que o futuro, permita-se-me reiterar, é *problemático* e não inexorável.” (p.19)

“O que quero repetir, com força, é que nada justifica a minimização dos seres humanos, no caso das maiorias compostas de minorias que não perceberam ainda que juntas seriam a maioria. Nada, o avanço da ciência e/ou da tecnologia, pode legitimar uma “ordem” desordeira em que só as minorias do poder esbanjam e gozam enquanto às maiorias em dificuldades até para sobreviver se diz que a realidade é assim mesmo, que a sua fome é uma fatalidade do fim do século. Não junto a minha voz à dos que, falando de paz, pedem aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo, a sua resignação. A minha voz tem outra semântica, tem outra música. Falo da resistência, da indignação, da ‘justa ira’ dos traídos e dos enganados. Do seu direito e do seu dever de rebelar-se contra as transgressões éticas de que são vítimas cada vez mais sofridas.” (p.101)

“Sempre recusei os fatalismos. Prefiro a rebeldia que me confirma como gente e que jamais deixou de provar que o ser humano é maior do que os mecanismos que o minimizam.” (p.115)

3. Excertos de "Política e Educação"

"É possível vida sem sonho, mas não existência humana e História sem sonho. (...)

Esta vem sendo uma preocupação que me tem tomado todo, sempre – a de me entregar a uma prática educativa e a uma reflexão pedagógica fundadas ambas no sonho por um mundo menos malvado, menos feio, menos autoritário, mais democrático, mais humano." (p.30)

Recife Sempre¹

"(...) Recife, onde tive fome
onde tive dor
sem saber porquê
onde hoje ainda
tantos, terrivelmente tantos,
sem saber porquê
têm a mesma fome,
têm a mesma dor,
raiva de ti não posso ter.
Recife, onde um dia tarde
com fome, sem saber porquê
pensei tanto
nos que não comiam
nos que não vestiam
nos que não sorriam
nos que não sabiam
o que fazer da vida.
Pensei tanto
nos deserdados
nos maltratados
nos que apenas se anunciavam
mas que não chegavam
nos que chegavam
mas que não ficavam
nos que ficavam
mas não podiam ser
nos meninos
que já trabalhavam
antes mesmo de nascer –
no ventre ainda, ajudando a mãe
a pedir esmolas
a receber migalhas –
também descaso de olhares frios.
Recife, raiva de ti não posso ter.

Recife Forever²

"(...) Recife, where I was hungry
where I was in pain
without knowing why
where still today
so many, so terribly many,
without knowing why
have the same hunger,
have the same pain,
I can't be mad at you.
Recife, where late one day
hungry, without knowing why
I thought so much
about those who didn't eat
about those who didn't wear clothes
about those who didn't smile
about those who didn't know
what to make of life.
I thought so much
about the disinherited ones
about the mistreated ones
about those who only knocked
but did not enter
about those who entered
but did not stay
about those who stayed
but could not be
about the children
who were already working
even before being born –
still in the womb, helping mother
asking for small change
receiving crumbs –
and uncaring, cold stares.
Recife, I can't be mad at you.

*Recife, cidade minha,
já homem feito teus cárceres experimentei.
Um, dois, três, quatro
quatro, três, dois, um
p'ra frente, p'ra trás
apitos – acerta passo
soldado não pensa
um, dois, três, quatro
quatro, três, dois, um
direita, esquerda
alto! esquerda, direita
soldado não pensa.*

*Recife, cidade minha,
já homem feito teus cárceres experimentei.
O que queria
o que quero e quereirei
é que os homens – todos os homens –
possam comer
possam vestir
possam calçar
possam criar
e que os meninos não tenham fome
não tenham dor –
possam brincar
possam sorrir
possam cantar
possam amar
e amados possam ser.”*

*Recife, city of mine,
as a grown man I experienced your jails.
One, two, three, four
four, three, two, one
back and forth
whistles – lock step
soldier don't think
one, two, three, four
four, three, two, one
right, left
halt! left, right
soldier doesn't think*

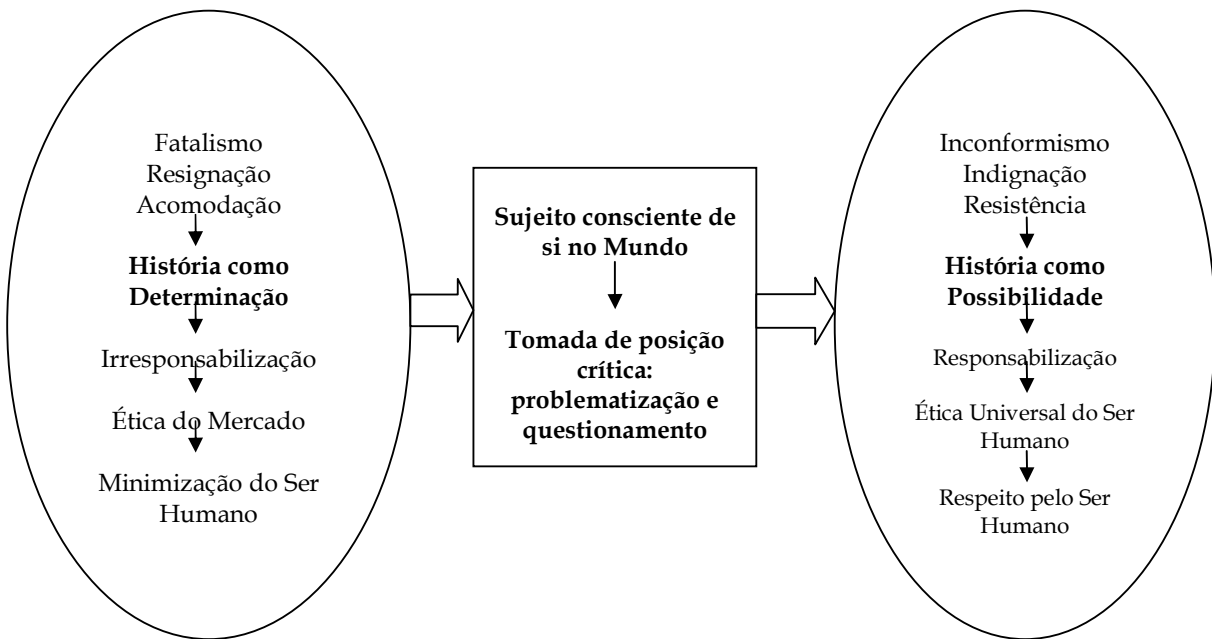
*Recife, city of mine,
as a grown man I experienced your jails.
What I wanted
what I want and will want
is that people – all people –
can eat
can have clothes
can wear shoes
can raise kids
and that the kids don't go hungry
don't have pain –
can play
can smile
can sing
can love
can be loved.”*

¹ Por **Paulo Freire**, Santiago de Chile, Fevereiro de 1969 (texto adaptado; in www.paulofreire.org).

² Tradução inglesa por Peter Lownds, Los Angeles, Janeiro de 1999 (texto adaptado).

ESQUEMA SINTETIZADOR

Paulo Freire: a mensagem de um pedagogo humanista



TEXTO N.º 3

Poema *A Escola*, de Paulo Freire (in http://www.paulofreire.org/escola_p.htm)

A ESCOLA

Escola é...
o lugar onde se faz amigos
não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...
Escola é, sobretudo, gente,
gente que trabalha, que estuda,
que se alegra, se conhece, se estima.
O diretor é gente,
O coordenador é gente, o professor é gente,
o aluno é gente,
cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor
na medida em que cada um
se comporte como colega, amigo, irmão.
Nada de 'ilha cercada de gente por todos os lados'.
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir
que não tem amizade a ninguém
nada de ser como o tijolo que forma a parede,
indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de camaradagem,
é conviver, é se 'amarrar nela'!
Ora , é lógico...
numa escola assim vai ser fácil
estudar, trabalhar, crescer,
fazer amigos, educar-se,
ser feliz.